

REVOLUÇÃO CUBANA: CONTRAPONTO

Brenda Maria Rodrigues dos Santos¹

José Santana da Silva²

(¹Estudante (IC) *; e-mail: brenda_maryr@hotmail.com)

(²Orientador (PQ); e-mail: santanajosilva@gmail.com)

Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Resumo

O presente trabalho é uma análise historiográfica comparada das interpretações de duas obras acerca da Revolução Cubana, ocorrida na segunda metade do século XX. Trata-se do livro do sociólogo Emir Sader, *A Revolução Cubana*, e da coletânea organizada por Osvaldo Coggiola, *Revolução Cubana: história e problemas atuais*, identificando a influência do contexto em que as obras foram publicadas e a perspectiva teórica e política dos autores. Acreditamos que esse artigo contribuirá para o preenchimento de lacunas referentes aos movimentos revolucionários latino-americanos e irá colocar as problemáticas que existem em torno da revolução cubana sob dois pontos de vista, os quais são expostos e analisados. A revolução cubana sempre foi alvo de interpretações diferentes no que diz respeito ao seu caráter socialista, mudanças provocadas em Cuba e aos rumos tomados pela revolução após a queda do bloco de países ditos “socialistas” e o fim da Guerra fria. É exposta ainda o desenrolar do processo revolucionário, os antecedentes, como se deu, economia e as mudanças até a revolução. Sendo assim, efetua-se aqui a compreensão da Revolução Cubana, sua história, lideranças e principais problemas enfrentados, a partir de diferentes abordagens e identificando os contrapontos entre as mesmas.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Historiografia. América latina. Socialismo.

Introdução

A Revolução Cubana se encontra entre os acontecimentos históricos que geram interpretações opostas. Neste trabalho, que está vinculado ao projeto de pesquisa REVOLUÇÕES NA AMÉRICA LATINA: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO, coordenado pelo José Santana da Silva, é feita uma análise comparativa entre as abordagens do sociólogo Emir Sader, *A Revolução cubana* (1985), e dos autores da coletânea organizada pelo historiador Osvaldo Coggiola, *Revolução Cubana: história e problemas atuais* (1998)¹.

A análise das referidas obras se baseou na aceção de historiografia do historiador espanhol Júlio Aróstegui, no sentido de “investigação e de escrita da história” (2006, p. 36). A historiografia é expressão da consciência do historiador ou de quem a produz, epistemologicamente falando, e esta consciência está

¹ A coletânea organizada por Osvaldo Coggiola em 1998 reúne trabalhos do curso de pós-graduação ministrado pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo, durante o segundo semestre de 1997, e traz a interpretação de vários autores: Alice Havranek, Carlos Cesar de Almendra, Dorisney de Carvalho, Eduardo de Souza Mizukami, Eliane Anconi, Everaldo de Oliveira Andrade, Gary Tennant, Jorge Altamira, Luiz Bernardo Pericás, Marcelo Buzetto, Maria Rita Guercio, Odir Alonso Júnior, Rafael Fernández, Rafael Hidalgo, Tadeu Medeiros Nunes, Valter Pomar, Vinicius Bandeira e Osvaldo Coggiola (org.), acerca da revolução em Cuba: seu caráter, problemas, seu desenrolar e sequência.

determinada pelo seu ser social (MARX, 1986, p. 25), isto é, enquanto sujeito historicamente situado. Sinteticamente, esta é a perspectiva teórica que referencia a análise das obras aqui mencionadas.

Quanto aos pressupostos metodológicos, este trabalho se referencia no materialismo dialético, formulado por Marx. Um dos fundamentos dessa concepção metodológica se encontra no pressuposto de que a consciência ou as representações da realidade formuladas ou reproduzidas pelos indivíduos, no caso os autores dos textos analisados, é condicionada pelo seu ser social, mais amplamente, pelo contexto em que estão inseridos, levando-os a expressar interesses e valores com os quais se identificam. Nesse sentido, as obras em questão foram analisadas situadas no contexto em que foram produzidas, em suas determinadas épocas, e procurando identificar as interpretações e perspectivas teóricas de cada autor.

O conceito de Revolução que é referência neste trabalho se baseia no que foi formulado por Marx, entendido como transformação radical de toda a estrutura da sociedade, a partir da luta entre as classes. Este trabalho, financiado pelo programa de bolsas de iniciação científica da UEG (PIBIC), cumpre papel importante na formação de novos pesquisadores. Além disso, consiste num meio de geração de novos saberes sobre a história das sociedades latino-americanas, especificamente a cubana. A relevância deste está na oportunidade de ampliação dos conhecimentos sobre o acontecimento de que tratam as obras analisadas e de exercitar a articulação entre a teoria e a prática da pesquisa, e ainda contribuir para o preenchimento de lacunas na historiografia referente ao movimento revolucionário ocorrido em Cuba.

Resultados e Discussão

Antecedentes e processo revolucionário

A revolução cubana, ocorrida no período de 1953 a 1959, em certa medida retomou os movimentos de independência ocorridos no século 19. A ilha caribenha passou por um processo independentista marcado por trinta anos de guerra e foi uma das últimas colônias espanholas na América a se emanciparem politicamente da metrópole ibérica. Os dois principais líderes para o alcance da independência

Cubana foram o General Antonio Maceo (1845-1896) e o advogado, escritor e jornalista José Martí (1853-1895).

Em 1898, após anos de guerra, Cuba finalmente se vê livre de seus colonizadores espanhóis, porém, a partir daí os Estados Unidos que se encontravam em grande processo de expansão econômica passam a interferir na Ilha e a controlar o acesso a matérias primas do país. Cuba passa então de colônia espanhola a quintal e semicolônia do seu vizinho do norte.

O golpe militar comandado por Fulgêncio Batista em 1952 teve grande apoio por parte dos Estados Unidos, que necessitavam de um governante que favorecesse seus interesses. Cuba se encontrava desde sua independência como um parque de diversão para os norte-americanos, infestada de cassinos, prostituição, hotéis e empresas que os favoreciam. Além disso, era a principal fornecedora de açúcar, tabaco, manganês e minérios de ferro para os Estados Unidos.

A guerrilha que derrubou o regime ditatorial de Fulgêncio Batista foi precedida de uma insurreição frustrada, que visava à tomada de quartéis, como o de Moncada, no leste da ilha em 26 de julho de 1953. Como resultado, Fidel e seus companheiros acabaram presos por dois anos. Anistiados devido à pressão popular, o líder guerrilheiro parte para o México com seu irmão Raul Castro e de lá organizam um grupo de combatentes para promover uma ofensiva guerrilheira. Nesse tempo, Ernesto “Che” Guevara se junta ao grupo. Após mais de dois anos de luta, com mais vitórias do que derrotas, finalmente, em 1º de janeiro de 1959 Batista abandona Cuba diante do avanço do grupo guerrilheiro sobre a capital e Fidel Castro e os revolucionários assumem o poder e implantam o regime político até hoje vigente.

Contrapontos entre a obra de Emir Sader e a de Osvaldo Coggiola acerca da Revolução Cubana

O sociólogo e cientista político da Universidade Estadual de Campinas, Emir Sader, formado em filosofia pela Universidade de São Paulo, em sua obra *A revolução Cubana*, publicada em 1985, caracteriza a luta de 1959 como uma revolução de fato. Para ele, isso se deve ao processo de transformações radicais que ocorreram nas estruturas da sociedade, no âmbito econômico, social, político e ideológico. Segundo Emir Sader,

Revolução nesse sentido é o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes da sociedade (SADER, 1985, p. 5).

Em contraposição a Sader, segundo os autores Mizukami e Buzetto, que fazem parte da obra organizada por Coggiola, a problemática cubana de ser um país sem desenvolvimento avançado das forças produtivas, com uma economia de base primário-exportadora e isolado em seu próprio continente devido ao bloqueio econômico norte-americano, fez com que não existisse de fato uma revolução em Cuba.

Apesar das radicais transformações ocorridas na economia, na sociedade e na política cubana (e um exemplo disto são as transformações na agricultura), a revolução não aconteceu, a transição para o socialismo não aconteceu, apesar da tentativa insistente e do heroísmo dos trabalhadores e das massas populares cubanas (MIZUKAMI; BUZETTO, 1998, p. 77).

Segundo os dois autores, os revolucionários cubanos cumpriram seu papel, mas a esquerda latino-americana faltou a essa luta.

A revolução cubana, segundo Sader, surpreendeu a todos, pois ocorreu em um país que não se esperava, que não parecia ter condições para um socialismo. Após a tomada de direção para uma revolução de caráter “socialista” em 1961, era necessário que a economia da ilha passasse de agroexportadora rapidamente para industrial, e a meta era saltar a etapa socialista diretamente para o comunismo. Porém, o país enfrentou várias dificuldades por conta de “uma concepção ingênua e pouco realista do condicionamento material que uma revolução socialista sofre num país atrasado” (SADER, 1985, p. 59).

Nessa questão, o autor confirma a previsão de Lênin, o líder bolchevique russo, segundo a qual é mais provável a tomada do poder num país atrasado – ou que combine elementos de atraso e progresso – do que numa sociedade capitalista desenvolvida. Mas, que também é muito mais difícil construir o socialismo nessas sociedades periféricas do que o capitalismo. Após 1961, com a proclamação do caráter socialista da revolução por Fidel Castro, os dirigentes do país foram obrigados a tomar várias decisões para definir os princípios que afirmariam o caráter socialista. A partir de então, realizaram-se transformações de importância na economia, no campo e na sociedade, além de várias medidas anticapitalistas. A

primeira lei da reforma agrária foi o ponto inicial dessas mudanças, porém, parafraseando Lênin, faltava a consolidação da teoria revolucionária.

Em uma perspectiva trotskista, a revolução cubana confirmou a ideia da “revolução permanente”, pois rompeu com os modelos etapistas. A partir do momento em que a burguesia foi afetada, viu-se que não seria possível a realização de mudanças democráticas burguesas e, assim, a revolução passa a ter um caráter “socialista”, no qual as mudanças estavam nas mãos da “vanguarda do proletariado”. Para o bolchevique Leon Trotsky, existe a necessidade de que a classe operária seja a vanguarda dos processos revolucionários combinando e assumindo reivindicações democráticas e nacionais das nações e países de capitalismo atrasado e combinando-as num mesmo processo revolucionário com as reivindicações de caráter socialista.

Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária (TRÓTSKY, 1936, p.).

O caráter revolucionário da revolução em Cuba, de acordo com Emir Sader, está presente nas transformações profundas e de caráter global que foram realizadas na sociedade, e também na consciência das pessoas. Segundo Sader, quanto ao sistema político adotado pelos novos dirigentes, em Cuba existe, conforme a definição de Lênin, uma ditadura do proletariado com a existência de um partido político único, o partido comunista.

Esse sistema é resultado antes de tudo da necessidade de unidade absoluta diante de um inimigo tão próximo e tão poderoso que, até a revolução cubana, havia conseguido depor e repor os governos que bem entendeu na região. (SADER, 1985, p. 76)

Apesar do caráter às vezes indefinido da revolução cubana, ela foi para Sader um exemplo para o continente latino-americano, a qual promoveu um programa de transformações democráticas, socialistas e nacionais que mudaram de forma profunda a sociedade cubana na segunda metade do século 20. Cabe frisar a importância da revolução cubana para a América Latina, que, segundo Alice Havranek, produziu significativas conquistas sociais que estão expressas na comparação inevitável da qualidade de vida da população com ênfase entre os anos de 1975 a 1985, com o resto da população latino-americana.

Em 1985, data de publicação da obra *A Revolução Cubana*, de Emir Sader, o regime instituído em 1959 completava 25 anos. Nesse ano, o país ainda seguia com suas transformações para a concretização de uma sociedade pretensamente comunista em Cuba, porém, a partir de 1989 com a desagregação do regime bolchevique na Rússia e na Europa oriental, o país passará por uma grande crise, a qual abalará os rumos do regime cubano. Desde os anos de 1990, Cuba vem buscando uma maior interação com a economia mundial, abrindo seus mercados, e buscando o fim do bloqueio econômico dos Estados Unidos na ilha. Segundo Rafael Hernandez, é evidente que se está cumprindo o mesmo programa de restauração capitalista que tem sido implementado na ex-União Soviética, em países do Leste europeu e da China.

Considerações Finais

A revolução cubana sempre foi alvo de interpretações diferentes no que diz respeito ao seu caráter socialista, mudanças provocadas em Cuba e aos rumos tomados pela revolução, após a queda do bloco “socialista” e o fim da guerra fria. A partir da análise das duas obras que foram contrapostas, podemos compreender a revolução de diferentes pontos de vista, mas que esclarecem muitas das questões que existem acerca deste fato.

Agradecimentos

Ao Programa Interno de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás.

Referências

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Moderna, 1985.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Revolução cubana: história e problemas atuais**. São Paulo: Xamã, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARX, Karl. **Prefácio de Para Crítica da Economia Política**. 1ª edição do livro: Zur Kritik der Politischen Oekonomie Von. Erstes Heft, Berlin. 1859. Obras Escolhidas. Editorial Avante. Tradução: José Barata Moura. Lisboa/Moscou.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução: Andrea Dore. Bauru, SP: Edusc, 2006.